

## OPERAÇÕES DO ESPÍRITO E COMPREENSÃO DA COMPREENSÃO: KANT EM FERNANDO GIL<sup>1</sup>

Sofia Miguens

Há muitas entradas possíveis na obra de Fernando Gil. Neste breve artigo gostaria de considerar o papel que Kant nela tem. Essa será uma forma de lançar luz sobre o tema das operações do espírito e da compreensão da compreensão, um tema constante e central na obra de Fernando Gil, que assinala a sua intenção de articular uma metafísica da subjetividade. Abordar desta forma o pensamento de Fernando Gil tem além do mais o propósito de o colocar lado a lado com discussões sobre a natureza da subjetividade actualmente em curso nos contextos filosóficos de língua inglesa, alemã e francesa (Miguens e Preyer 2012; Miguens, Preyer e Morando 2015). A herança de Kant continua hoje a ser, de várias formas e em diferentes contextos, uma referência e uma questão em aberto. Esta parece-me ser, por isso, uma forma frutífera de continuar aquilo que Fernando Gil pretendeu fazer.

### Metafísica e método

Fernando Gil tinha Kant sempre à mão. Afastava-se, no entanto, de Kant em pontos específicos. Para compreendermos porquê, recorro a uma citação que Fernando Gil faz, num dos seus principais livros, *Mimesis e Negação*, de uma passagem do helenista Eudoro de Sousa: «O real é tão subjetivo quanto objetivo, e, por conseguinte, a “solicitação” vem do real que é o mundo para o real que nós somos, e vai do real que nós somos para o real que é o mundo; é uma solicitação recíproca e simultânea» (Gil 1984, p. 85, citando de Sousa 1975, p. 33). Fernando Gil subscreve estas palavras. Evoco-as porque um kantiano não falaria assim. Ir em busca de Kant em Fernando Gil, como pretendo fazer aqui, não é, por isso, defender que Fernando Gil fosse um kantiano estrito. Fernando Gil era um filósofo de muitos filósofos e um autor original – os seus livros são, no entanto, ao mesmo tempo, uma lição de história da filosofia. Neles encontramos desde Aristóteles, ou os estoícos,

<sup>1</sup> Um desafio de Renato Epifânio para participar numa mesa-redonda na Faculdade de Letras da Universidade do Porto dedicada à presença de Kant no pensamento luso-brasileiro esteve na origem daquilo que se segue. Agradeço ao Renato por me ter provocado a mergulhar de novo na obra de Fernando Gil, uma obra que continua tão fascinante e difícil como o eram os seus seminários ao vivo em Lisboa e em Paris. O que aqui fica corresponde quase exatamente ao que então apresentei.

até à filosofia analítica contemporânea, passando por aqueles filósofos sem os quais a sua obra não se faz, entre os quais, para além de Kant, estão, Leibniz, Fichte, Husserl e Wittgenstein. Porque mencionei a filosofia analítica, recordo que a tese de doutoramento de Fernando Gil, feita no final dos anos 70 do século XX, na Sorbonne, e intitulada *La logique du nom*, tem por trás a discussão em torno de nomes próprios e descrições definidas, em Gottlob Frege e Bertrand Russell, que tão importante é para a consideração das relações pensamento-linguagem-mundo na *early analytic philosophy*, e que nos últimos tempos de vida Fernando Gil tinha voltado a *Naming and Necessity*, de Saul Kripke. A filosofia analítica não é, no entanto, a única referência da sua obra e nem sequer a principal. Uma coisa é certa, e vale para todas as referências que identifiquei: as leituras de Fernando Gil são ‘diálogos diretos’, a avaliar pela produtividade, para o tratamento dos problemas que lhe interessam. Nas suas palavras em *La Conviction*: «Esta investigação assenta num diálogo de determinado tipo com a história da filosofia. A filosofia é, de alguma maneira, concebida como perene. As contribuições dos autores são consideradas tais quais, na sua literalidade (...) Cabe ao leitor julgar se esta é uma posição minimamente fecunda.» (Gil 2000, p. 21).

### **Kant, pensamento e representação**

É isto exatamente que Fernando Gil faz também com Kant. Ele não é um kantiano no sentido em que por exemplo John McDowell ou Christine Korsgaard são, hoje, kantianos quando pensam sobre percepção e consciência (no caso de McDowell) ou sobre moralidade (no caso de Korsgaard). Talvez Fernando Gil esteja mais próximo da relação conturbada que têm com Kant filósofos que, sendo profundos conhecedores de Kant no entanto não o seguem estritamente; pense-se no filósofo alemão Dieter Henrich, ou no filósofo francês Jocelyn Benoist. A minha sugestão aqui será por isso olhar de forma indireta para a presença de Kant no pensamento de Fernando Gil, perguntando se aquilo que Fernando Gil quis de Kant, dialogando com ele (algo que fez sempre, em todos os seus livros – nomeadamente em livros maiores como *Mimesis e Negação*, 1984 e *A Convicção*, 2000) sobrevive ao imperativo de afastamento de Kant presente num movimento que actualmente se ergue na filosofia europeia, o chamado Novo Realismo. O Novo Realismo agrega filósofos como os franceses Jocelyn Benoist e Quentin Meillassoux, o alemão Markus Gabriel ou o italiano Mauricio Ferraris. No seu núcleo está precisamente um imperativo de afastamento relativamente a Kant, um imperativo que se ergue contra a ênfase kantiana na ideia de realidade construída e interpretada pelo sujeito. Os Novos Realistas pensam que esta

ideia de realidade construída e interpretada (que veem nomeadamente por trás dos veios vários do pós-modernismo), traz consigo um (indesejável) culturalismo relativista, e conduz-nos até a negar que a natureza tenha ela própria, sem a construção e a interpretação feitas pelo sujeito, uma realidade determinada. Ora, nem os Novos Realistas nem Fernando Gil pensam que este seja o caso: a realidade não está à espera de ser pensada para ser de uma forma determinada. Não podem, por isso, ser kantianos até ao fim. A proposta dos Novos Realistas é então deixar cair o chamado ‘correlacionismo’: a ideia segundo a qual ao pensar (sobre pensamento) estamos sempre (1) fechados numa relação humanos-mundo, sendo esta relação uma relação de construção, e somos (2) consequentemente obrigados a reduzir as aparências ao estatuto de ‘fenómeno’. É bastante claro que estas duas ideias podem ser reconduzidas a Kant. Faço aqui apelo ao Novo Realismo porque Fernando Gil tinha ele próprio simpatia por algum realismo. Isto é perfeitamente visível, por exemplo, nas suas análises do sistema percepção-linguagem, nos seus temas da mimesis, da expressão e da afinidade entre as coisas e os nossos modos de as pensar. Foi *apesar disso* que o projeto maior de Fernando Gil foi fazer uma metafísica da subjetividade, compreender a compreensão e as operações do espírito. Mas o que significa então recuar perante Kant, se é Kant quem está na origem das metafísicas da subjetividade contemporâneas? Recuar perante Kant significa ir em busca da natureza nada evidente, nada cartesiana, da subjectividade, da consciência e da evidência (é para isto que Fernando Gil convoca por exemplo Husserl e Wittgenstein). Significa também recuar perante certas ideias que são para nós, ainda hoje, bastante naturais e que identificarei mais à frente.

Kant marcou toda a filosofia dos séculos XIX e XX, marcou a forma como os debates em torno de idealismo e realismo decorreram. Não é possível contar essa história sem a remeter a Kant – a própria filosofia analítica aparece como uma forma de realismo, tendo surgido como reação ao idealismo britânico devedor de Hegel de autores como F. H. Bradley ou J. M. E. McTaggart. Não é simples orientarmo-nos aqui, desde logo porque todos nós, ou quase todos, falamos ainda, mesmo sem nos apercebermos, uma linguagem kantiana, a linguagem da *Crítica da Razão Pura* e da Revolução Copernicana. Por exemplo, em vez de perguntarmos como as coisas são em si próprias, perguntamos como devem elas ser de forma a serem conhecidas por nós. Mas o que queremos dizer quando dizemos que conhecemos apenas fenómenos? Por que havemos de distinguir coisas em si de representações? Porque havemos de distinguir aparências das coisas em si? Não podem as

coisas ser (também) como aparecem? Não são as aparências reais? Será que as intuições são realmente cegas sem conceitos? Será que os conceitos são realmente vazios sem intuições? Sobretudo, o que queremos dizer quando dizemos, na pegada de Kant, que ‘O Eu penso acompanha todas as minhas representações’?

Podemos (e devemos) aqui distinguir no pensamento de Kant três temas ou agregados temáticos: (1) o ‘Eu penso’, (2) a separação fenómeno-númeno, (3) a ideia ‘Tudo é representação’. O primeiro tema, o ‘Eu Penso’, é o próprio objeto maior de Fernando Gil, embora não com o formato kantiano. O terceiro tema é completamente rejeitado, e o segundo também. Restaurar, contra Kant, um mundo que existe independentemente de qualquer eu que sobre ele pensa não é, no entanto, proclamar que a subjetividade não existe. Trata-se apenas de considerar que ela não tem o papel englobante e construtor-transcendental que a Revolução Copernicana lhe deu. É por esse caminho que Fernando Gil avança, mesmo se não recusa totalmente a ideia de ‘transcendental’. Ele retém, desta forma, o ‘Eu penso que deve acompanhar todas as representações’. No entanto, tal como o farão os idealistas alemães posteriores a Kant, avança pelo ‘Eu penso’ adentro, atrás de aspetos menos evidentes ou conscientes, tais como a atividade e a passividade, o inconsciente, a imaginação ou a liberdade. Não temos de um lado o Eu penso e do outro o mundo enquanto fenómeno constituído pelas categorias, e assim apenas assim ‘objetivo’. Não é o caso, em contraste com a filosofia transcendental directamente inspirada por Kant, que o foco primeiro de Fernando Gil seja o conhecimento como construção categorial (aquilo que é a pedra de toque da crítica à filosofia como correlacionismo e construção pelos humanos). Temos sim subjetividade no mundo, e esta não é desde logo clara para nós. São precisamente as operações e atividades aí encontradas que interessam o filósofo (note-se que a verdade e a objetividade na ciência não são por isso postas em causa – Fernando Gil trabalhou muito em torno de ciência e contra aqueles que pretenderam relativizá-la; a sua obra é, além de tudo o resto, uma forma de fazer filosofia da ciência). É precisamente para nos abeirarmos das operações do espírito e da compreensão da compreensão que Kant serve muitíssimas vezes nos escritos de Fernando Gil como instrumento da exposição e ponto de partida. Considero em seguida dois exemplos do que isto significa. O primeiro encontra-se nessa obra fundamental e clara que é *La Conviction (A Convicção)*, o segundo encontra-se num dos textos reunidos em *Acentos*, um texto intitulado “Inteligibilidade Finalista, Inteligibilidade expressiva”, e foi inicialmente uma comunicação num Colóquio Kant, na Faculdade de Letras de Lisboa, em 2004.

Entre as páginas 25 e 28 de *La Conviction* encontram-se as seguintes passagens: «Une théorie de l'intelligibilité s'ancre dans la connaissance à la première personne. La croyance, l'intuition, les pratiques cognitives sont l'affaire du sujet. Aussi faut-il en passer par une enquête sur la subjectivité (...) quel est ce *je* que je suis, qu'est-ce que le *moi*? (...) Me percevoir en qualité de sujet signifie être conscient de moi. «Conscience» s'oppose à um état de non-conscience (inconscient, sousconscient, pré-conscient). Je me sais moi, *hic et nunc*.» Para Fernando Gil, o saber de si próprio como um *moi* diz respeito a uma separação relativamente a um exterior, e diz também respeito a uma identidade pessoal a que se adere, a uma origem de acções e a um sentir: «Dans le concept du moi, il en va d'une adhésion à soi qui s'impose au sujet. Il faut l'interroger». Mas é preciso interrogar o *moi* e essa adesão a si próprio porque esse *moi* não é um eu substancial e intelectualizado. A adesão que interessa Fernando Gil não se confunde com «la substantialisation que Kant dénonce dans les Paralogismes de la Raison Pure. Kant se demande ce qui pousse l'esprit (il dit l'âme) à se regarder comme substance et substance simple et une? Quel est le secret de l'opération qui transforme 'l'unité de la conscience' en une intuition du sujet en tant qu'object (CRP B 421)? L'unité est pour Kant un requisit a priori. Le sujet transcendantal vaut pour la référence stable, le témoin de l'application des catégories aux phénomènes, en quoi consiste l'expérience. L'unité de la conscience constitue un fondement sous la forme du je pense. A ce titre seulement, le je pense est une représentation dont la fonction consiste à accompagner les autres représentations. Tel este son role cognitif. Sa substantialization résulte d'une "hypostase" qui reste à expliquer. Bien que dé-substantialisé, dés-uni, complexe, le moi ne se réduit pas à um postulat formel, sa déconstruction n'entraîne pas pour autant la perte de l'adhésion à soi. Le moi correspond donc à une conscience ponctuelle de soi, embrumée (Fichte), avant d'être réflexive (...) on ne connaît pas le moi par une idée, on en a conscience grâce à un sentiment confus mais indubitable (qui n'est pas faux)». Apesar disso, continua, «les éléments du moi font système malgré leur diversité.»

Alonguei-me nestas passagens porque todos os aspectos evocados me parecem importantes. É verdade que a 'teoria da inteligibilidade' que Fernando Gil persegue está ancorada no conhecimento em primeira pessoa. Crença, intuição, práticas cognitivas são algo que um sujeito *faz*; é por essa razão que fazer filosofia deve passar por uma investigação sobre a subjetividade. É, no entanto, preciso perguntar o que é essa primeira pessoa, esse *self* que eu sou. Perceber-me como sujeito, saber que eu sou eu *hic et nunc*, significa

sem dúvida ter consciência de mim próprio, e “consciência” é o oposto de estados de não consciência (inconscientes, subconscientes, pré-conscientes). Mas ser um eu, este eu, está ainda em causa uma separação relativa ao exterior, uma adesão a si mesmo e um sentimento de ser a origem das ações próprias. Todos os aspectos enunciados, não poderemos nunca esquecer que este eu, este sujeito, esta interioridade, esta adesão a si, esta agência, não são uma identidade dada. O interesse pelos tópicos é acompanhado pela denúncia que o próprio Kant faz, nos Paralogismos da Razão Pura, da substancialização do eu. O eu não é uma alma ou uma identidade dada a priori. É, na verdade, uma questão para o próprio Kant saber o que leva a mente a considerar-se uma substância simples e única, como uma alma. Na passagem programática que citei e continuo a glosar, Fernando Gil retoma precisamente a pergunta pelo segredo da operação que transforma a ‘unidade da consciência’, a unidade do pensamento pensando, numa intuição do sujeito enquanto objeto. Pensa que a substancialização resulta de uma hipóstase, e que esta continua por explicar, pede para ser explicada. Este é o terreno de *A Convicção*, um livro no qual se tratará de variadíssimos aspetos da nossa vida epistémica, desde a animalidade das nossas crenças perceptivas, até à acção do nosso pensamento em política ou em matemática. O ‘Eu penso’ é, assim, uma representação cuja função, ou papel cognitivo, é acompanhar outras representações, é certo – nunca deve ser esquecido no entanto que ao analisar tudo isto o eu deve ser dessubstancializado. Mas embora dessubstancializado, desunido e complexo, o eu não pode ser reduzido a um postulado formal. Além disso, a desconstrução do eu que de alguma forma será compreendida não leva necessariamente à perda da autoadesão. Fernando Gil interroga-se, tendo Fichte em mente, acerca de se o eu não corresponde a uma consciência pontual de si mesmo que é ‘nebulosa, antes de ser reflexiva’. Pensa assim que nós não conhecemos o eu através de uma ideia, temos consciência dele graças a um sentimento, que embora seja confuso é indubitável. Propõe uma e outra vez que os elementos do seu ou *self* formam um sistema apesar de sua diversidade. Procura a diversidade patente nos ‘contrários’ do eu: a não-consciência, a exterioridade, a cisão ou pluralidade interna, a despossessão de si. Note-se aqui que alguns desses aspetos são hoje explorados em filosofia da mente com figuras tais como o zombie, o ser fenomenalmente ‘apagado’, sem qualquer consciência, mas que teria exactamente o mesmo comportamento que qualquer um de nós. É tudo isto que Fernando Gil explora ao longo de *La Conviction*. O seu propósito é compreender a forma como todos esses elementos da subjectividade actuam

na inteligibilidade e na compreensão. O trajecto de *La Conviction* culmina nos capítulos sobre Espinoza, Wittgenstein e Fichte. Neste último Fernando Gil retira a ideia de os modos de agir originários do espírito humano e um quadro praxeológico e não reflexivo para a investigação filosófica, um quadro que não está pré-ordenado à transparência de si a si. Se quisermos manter os olhos na filosofia alemã do século XIX, a época da história da filosofia em que distintas metafísicas da subjectividade se digladiam, é então Fichte, e não Kant, a referência última de Fernando Gil.

### **Corrigir Kant com Leibniz ao ouvido**

O meu segundo exemplo diz respeito a finalidade, ou teleologia, na natureza. Estes são os temas de Kant na *Crítica do Juízo*. Kant considera que enquanto pura e simples natureza, a realidade procede mecanicamente, e é assim que a ciência procura conhecê-la – esse é o objecto do Kant da primeira Crítica, o Kant epistemólogo e filósofo da ciência. No entanto, na terceira crítica, a *Crítica do Juízo*, Kant olha para essa mesma realidade com novos olhos e declara que nas belas formas, como as conchas ou as cristalizações, as figuras variadas das flores, a estrutura interna dos vegetais e dos animais (Gil 2005: pp. 158, 160), a natureza procede também à maneira da arte e a nossa faculdade de julgar reconhece-o. O como-se (*als ob*) do juízo estético irrompe e revela a finalidade na natureza. Não é que na natureza exista *realmente* finalidade e intencionalidade, mas é como se existisse. Esta é a chave da visão kantiana das formas e da vida. É assim que o nosso espírito, alheio à natureza concebida no primeiro sentido, se reencontra em casa na natureza concebida no segundo sentido. O sentido desponta de novo nas coisas da natureza e nós, humanos, experimentamos um prazer (desinteressado) ao reconhecê-lo, regozijamos ao pensar na natureza segundo um princípio de finalidade, regozijamos no acordo da natureza com a nossa faculdade de conhecer. É assim tocado o ‘supra-sensível’ (um termo que tem vários usos em Kant e que unifica o seu sistema, mas significa sempre aquilo que transcende a cognição humana, podendo referir-se às ideias reguladoras da razão, ao domínio extra-natural da liberdade ou à ideia de uma finalidade e sentido racional do todo).

No entanto, Fernando Gil (como Leibniz, como Goethe) pensa que o pensamento da forma (do belo, da vida) não tem de estar em polémica com as ciências da natureza. O seu ‘discutível atrevimento’ em “Inteligibilidade Finalista, Inteligibilidade expressiva” (é assim que o próprio descreve o que faz), é propor que é preciso corrigir Kant ‘com Leibniz ao ouvido’. Segundo

Fernando Gil, há finalidade a mais na *Crítica do Juízo*. Ele defende que «Kant dispunha de elementos – leibnizianos – para que o sentido que desponta nas ‘coisas da natureza’ não o devesse obrigar a pressupor maciçamente uma teleologia em última análise ordenada a desembocar no supra-sensível» (Gil 2005: 159). Interroga-se se não será «estulto questionar a inteligibilidade do como-se, de tal modo ela orienta a CFJ» (Gil 2005: 160), e se não «Estaremos (...) a pedir a Kant que não seja Kant, murmurando-lhe ao ouvido que teria sido melhor que tivesse sido Leibniz.» (Gil 2005: 160). Decide, no entanto, que, pelo contrário, ao fazê-lo estaremos a poupar a Kant embaraços (Gil 2005: 157). Aquilo que Fernando Gil propõe finalmente é então que a analogia e as suas ‘leis’, que Kant procura compreender sob o modo do como-se, podem ser vistas como remetendo para a expressão e não fatalmente para a finalidade. O pensamento, ou conhecimento, das formas não tem por que conduzir necessariamente ao supra-sensível, ao contrário do que Kant sugeriu.

Escolhi apenas dois exemplos. Eles são, no entanto, exemplos que ilustram claramente o que significa, para Fernando Gil, ter Kant sempre à mão: significa retomar questões que herdamos de Kant e que são ainda hoje importantes e reais para nós, e trabalhar numa metafísica (ou, se quisermos, uma filosofia) da subjectividade que se afasta decididamente das posições do próprio Kant sobre tais questões. A filosofia de Fernando Gil move-se neste território, e é enquanto tal que ela pode continuar em diálogo com a filosofia que hoje se faz. Esse diálogo poderá ter lugar por exemplo com o Novo Realismo, que considere atrás, ou com a actual filosofia alemão herdeira do Idealismo, a qual retoma pelo esse mesmo Fichte que tanto interessou Fernando Gil (veja-se por exemplo Preyer 2012 para a explicitação da ideia de Dieter Henrich de uma ‘intuição fundamental de Fichte’). Estas ligações e estes diálogos permitem esclarecer, pelo menos parcialmente, outros aspectos da obra de Fernando Gil, por exemplo a sua sempre marcada rejeição de um caminho heideggeriano para a filosofia. A sua particular forma de levar a cabo uma filosofia a que por vezes chamava (ainda kantianamente) ‘transcendental’ só poderá ser compreendida se formos atrás destes diálogos e destes contrastes.

### **Bibliografia**

- Gil, Fernando, *Mimesis e Negação*, Lisboa, INCM, 1984.  
Gil, Fernando, *La Conviction*, Paris, Flammarion, 2000.

- Gil, Fernando, “Inteligibilidade finalista, inteligibilidade expressiva”, in *Acentos*, Lisboa INCM, 2005, pp. 157-164.
- Miguens, Sofia e Gerhard Preyer (eds), *Consciousness and Subjectivity*, Berlin, De Gruyter, 2012.
- Miguens, Sofia, Clara Morando e Gerhard Preyer (eds.), *Pre-Reflective Consciousness – Sartre and Contemporary Philosophy of Mind*, London, Routledge, 2015.
- Preyer, Gerhard, “The problem of subjectivity: Dieter Henrich’s Turn”, in Miguens, & Preyer 2012, pp. 189-211.
- Sousa, Eudoro de, *Horizonte e Complementariedade*, São Paulo, Duas Cidades, 1975.